

Prólogo

Simon encarava entorpecido a porta da frente de casa.

Jamais conhecera outro lar. Este foi o lugar para onde os pais o levaram ao nascer. Havia crescido entre as paredes da casa do Brooklyn. Brincava na rua sob as sombras das árvores no verão e improvisava trenós com tampas de lixeiras no inverno. Nesta casa, a família cumpriu o *shivah* após a morte de seu pai. Aqui, ele beijou Clary pela primeira vez.

Nunca imaginou um dia em que a porta de casa pudesse estar fechada para ele. Na última vez em que viu a mãe, ela o havia chamado de monstro e implorado que fosse embora. Simon a fez esquecer de que era um vampiro com um feitiço, mas não sabia quanto tempo o efeito duraria. Parado no ar frio de outono, olhando para a frente, soube que não tinha durado o suficiente.

A porta estava coberta por símbolos — estrelas de Davi desenhadas com tinta, a forma afiada do símbolo de *Chai*, vida. Havia filactérios amarrados à maçaneta e à aldrava. Uma *hamsa*, a Mão de Deus, cobria o olho mágico.

Entorpecido, tocou o mezuzá de metal afixado ao lado direito da porta. Viu a fumaça emergir do local onde a mão encontrou o objeto sagrado, mas não sentiu nada. Nenhuma dor. Apenas um terrível vazio, transformando-se lentamente em raiva fria.

Chutou a base da porta e ouviu o eco pela casa.

— Mãe! — gritou. — Mãe, sou eu!

Não obteve resposta, apenas o ruído de trancas sendo acionadas. A audição apurada reconheceu os passos da mãe, sua respiração, mas ela não disse nada. Simon sentiu o cheiro pungente de medo e pânico, mesmo através da madeira.

— Mãe! — engasgou. — Mãe, isso é ridículo! Deixe-me entrar! Sou *eu*, Simon!

A porta trepidou, como se ela tivesse lhe dado um chute.

— Vá embora! — A voz soou áspera, irreconhecível de pavor. — Assassino!

— Não mato pessoas. — Simon apoiou a cabeça na porta. Sabia que provavelmente poderia arrombá-la, mas de que adiantaria? — Falei para você. Bebo sangue animal.

— Você matou meu filho — retrucou. — O matou e pôs um monstro no lugar.

— Eu *sou* seu filho...

— Veste o rosto dele e fala com a mesma voz, mas não é ele! Você não é Simon! — A voz se elevou a um quase grito. — Afaste-se da minha casa antes que eu o mate, monstro!

— Becky — disse ele. Estava com o rosto molhado; levantou as mãos para tocá-lo, e elas voltaram sujas: eram lágrimas de sangue. — O que você disse a Becky?

— *Fique longe de sua irmã*. — Simon ouviu um estardalhaço dentro da casa, como se alguma coisa tivesse sido derrubada.

— Mãe — repetiu, mas desta vez a voz não se elevou. Saiu como um suspiro rouco. Sua mão começou a latejar. — Preciso saber... Becky está aí? Mãe, abra a porta. Por favor...

— *Fique longe de Becky!*

Ela estava se afastando da porta; Simon ouviu. Depois veio o inconfundível guincho da porta da cozinha se abrindo, o rangido do linóleo quando ela pisou no assoalho. O ruído de uma gaveta sendo aberta. De repente, imaginou a mãe pegando uma das facas.

Antes que eu o mate, monstro.

O pensamento o fez cambalear. Se ela o atacasse, a Marca entraria em ação. E a destruiria, como fizera com Lilith.

Simon abaixou a mão e recuou lentamente, tropeçando pelos degraus e pela calçada, apoiando-se no tronco de uma das grandes árvores do quartei-

rão. Ficou onde estava, olhando para a porta da frente de casa, marcada e desfigurada com os símbolos do ódio que a mãe sentia por ele.

Não, lembrou a si mesmo. Ela não o odiava. Achava que estava morto. O que detestava era algo que não existia. *Não sou o que ela diz.*

Não sabia quanto tempo poderia ter ficado ali parado, olhando, se o telefone não tivesse começado a tocar, vibrando no bolso do casaco.

Pegou-o por reflexo, notando que o desenho do mezuzá — estrelas de Davi entrelaçadas — estava queimado na sua palma. Trocou o telefone de mão e o pôs no ouvido.

— Alô?

— Simon? — Era Clary. Parecia sem fôlego. — Cadê você?

— Em casa — disse, e fez uma pausa. — Na casa da minha mãe — corrigiu-se. A voz soou oca e distante aos próprios ouvidos. — Por que não está no Instituto? Estão todos bem?

— É justamente isso — falou. — Logo depois que você saiu, Maryse desceu do terraço onde Jace deveria estar esperando. Não tinha ninguém lá.

Simon se mexeu. Sem perceber o que estava fazendo, como um boneco mecânico, começou a subir a rua, em direção ao metrô.

— Como assim, não tinha ninguém?

— Jace tinha sumido — respondeu Clary, e Simon pôde ouvir a tensão na voz dela. — E Sebastian também.

Simon parou à sombra de uma árvore desfolhada.

— Mas Sebastian estava morto. Ele está morto, Clary...

— Então me diga por que o corpo dele não está lá, porque não está — falou, com a voz finalmente falhando. — Não tem nada além de muito sangue e vidro quebrado. Os dois sumiram, Simon. Jace sumiu...